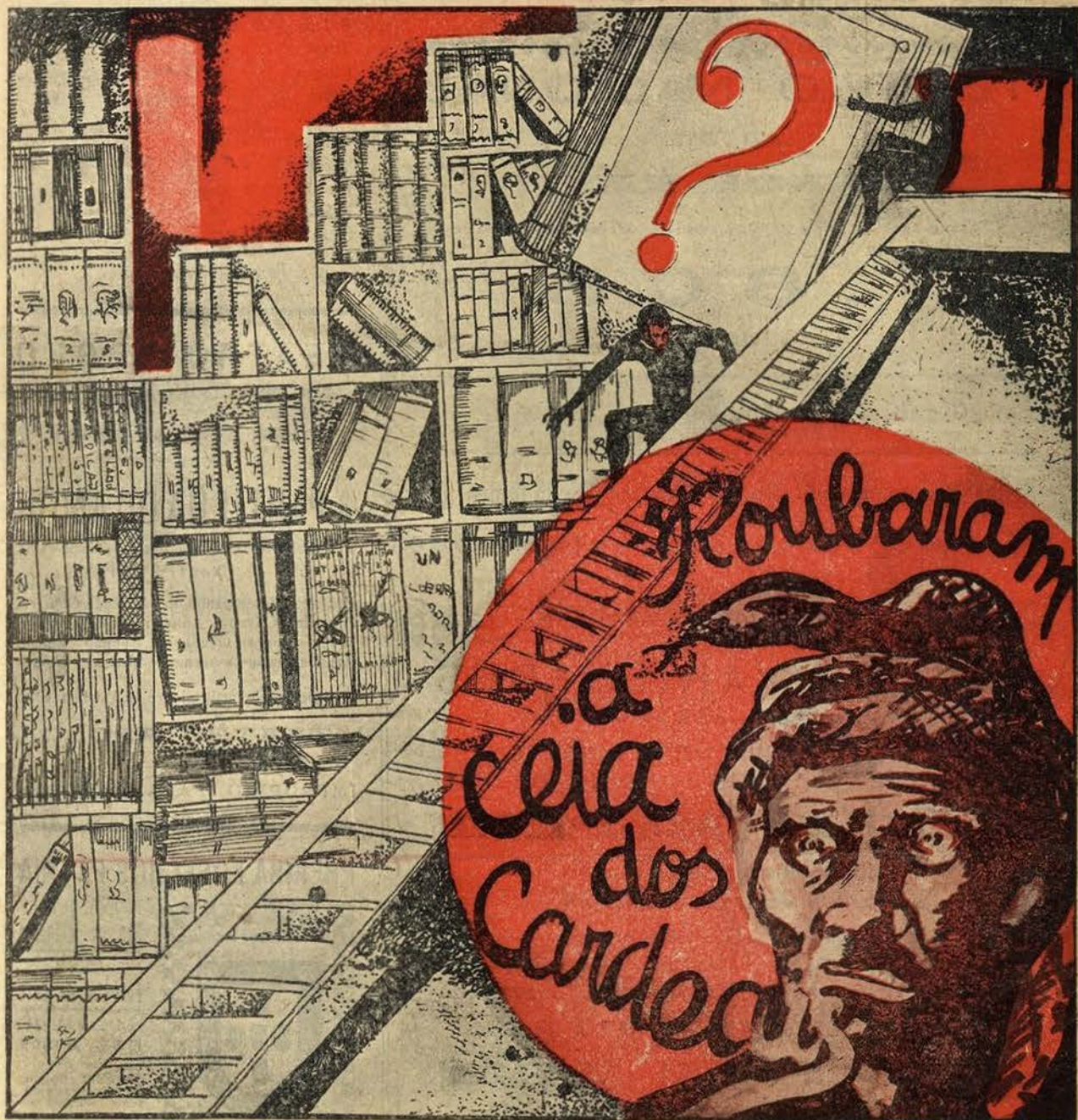


# Reportagem

SEMANARIO DAS GRANDES REPORTAGENS



**LER NESTE NUMERO:** Aventuras jornalísticas nos «bas fonds» das grandes cidades — A camionette para dois ou revelações sensacionais sobre a «General Motors» — O tesouro que deram a guardar á Estatua de Gamões; etc., etc., etc.

# Chapelaria Santo André

ALVARO PORTELA

78, Largo dos Poveiros, 80 (Ant. o de Santo André)—PORTO—Telefone 1776

Vendas a prestações semanais com Bonus

Unica e simplesmente para desenvolver a venda de chapéus para homem, em feltro ou palha  
SORTEIO SEMANALMENTE PELA LOTARIA DA SANTA CASA DA MISERICORDIA

Valor 50\$00

(Vinte semanas)

3\$00 semanais

Escolhendo Chapeu superior ao valor, paga o ex. es. so, e se fôr inferior, recebe a diferença em concertos, bonets, etc.

Por apresentação ou conhecimento e pagas 5 prestações, entrega imediata do valor a sortear.

Devendo mais 4 prestações perde o direito ao premio. Repetições passam ao numero immediato.

# CARTAZ

Espectaculos recomendados pelo «Reporter X»

## TEATROS

- Nacional — 9 1/2 «1808»  
Trindade — 9 1/2 «Viuva Alegre»  
Apolo — 9 3/4 «A Partilha do Amor»  
Variedades — 8 5/4 10 3/4 «Pim! Pam! Pum!»  
Colizeu — Luta  
Capitolito — Variedades

## CINEMAS

- S. Luiz 9 1/2  
Tivoli »  
Olimpia » 2 1/2 matinée  
Royal »  
Palacio »  
Condes »  
Terrasse »  
Liz »  
Palatino »  
Salão Ideal 8 1/2

Todas as noites

## TEATRO APOLO

A's 9-30 — Espectaculo inteiro

A comedia de cons'ante gargalhada  
GENERO LIVRE

## A PARTILHA DO AMOR

Soberba realização da «Companhia de Teatro Alegre»

Brilhante desempenho de Auzenda Oliveira, Albertina Oliveira, Antonio de Souza, Abilio Alves, Jorge Gentil e Antonio Palma. Artística mise-en-scene de Antonio Gomes

O espectaculo mais alegre de Lisboa é no

## TEATRO APOLO

IMPROPRIO PARA MENORES

## PREFIRA FOSFOROS PATRIA



PORQUE São os melhores

TEEM Fosforos de Ouro

QUE VALEM E SC. 50\$00

Junte 100 etiquetas e concorre aos sorteios mensais de Valiosos brindes e ao sorteio de UM AUTOMOVEL CITROEN em Julho 1932

# TEATRO NACIONAL

A'S 9/12

## GRANDE EXITO

Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

# 1.808

«JUNOT»

Original de Reinaldo Ferreira «Reporter X»

Brilhante desempenho — O maior exito da temporada

# TEATRO VARIEDADES

DUAS SESSÕES — A's 8 3/4 e 10 3/4

A REVISTA FORMIDAVEL DE INTERESSE E DE CRESCENTE NOVIDADE

## PIM! PAM! PUM!

Luiza Satanela, no «cartaz da moda»

QUERO VÉR VOCE CHORAR

Beatriz Costa, no COCHICHO Tango

Dramatico e FADO DO POVO

GRANDE EXITO DO QUADRO «HAJA ONIÃO»

TODAS AS NOITES

## PIM! PAM! PUM!

Triunfa no VARIEDADES

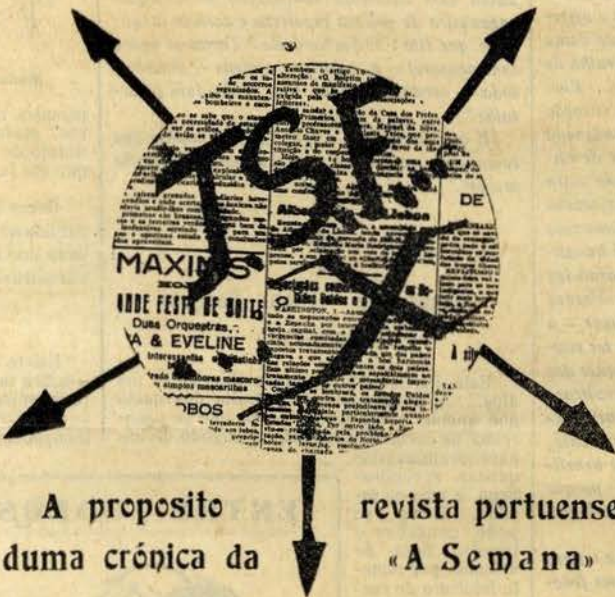
**E**XISTE UM ESCRIBA que dá pelo nome de Anibal de Mendonça, nasceu no Porto — mas o Porto não tem culpa... É muito possível que o Porto o ame — como a «senhora Duquesa de Brabant» de Gomes Leal, amava o filho — por cima de todas as razões e por despotismo do seu amor de mãe... Conheci esse senhor, há anos, quando no Porto, acolheu o meu modesto trabalho de jornalista, com o mais lisongeiro e simpático dos carinhos. Varias vezes teve a pachorra de escutar as suas alucinadas reedições de autores conhecidos — declarados com o enfase de quem faz a originalidade, ineditismo e genio por todos os poros. Só a minha generosidade nata, a minha ternura por todos os iludidos me



blindaria com a resistência necessária para o aturar. Quantas vezes lhe ouvi dizer: «Você que tem lançado tanto inutil, que tem auxiliado tanto ingrato, porque não me faz o mesmo a mim? Porque não me arranja colaboração no jornal A ou no magazine B? Basta um bilhete seu! Você não me tome por esses tipos que andam por aí (e citava quasi todos os nomes dos que são hoje seus colegas na revista «A Semana»). Eu sou muito diferente! Eu sou um caracter — um *Espírito!* É possível que ele salpicasse essas confidencias com algumas das suas imagens de caricaturel modernismo mas não me recordo. Do que me lembro, sim, é dum panfleto que ele publicou — encabeçado «Farpasinhas» ante o qual não pude conter-me — comentando-o no «Primeiro de Janeiro» e fazendo do diminutivo do seu papelucho um simbolo do linfatismo da epoca... Ha três gerações, publicistas como Eça e Ramalho davam-nos «As Farpas»; a geração actual só p diam oferecer-nos *farpasinhas* — e não é para admirar que surgissem *camilinhos* que escrevessem *judesinhos* ou *amorsinhos de perdição*... Tragou a critica em seco, e falando-me dias depois — achou-a esplendida, animadora — repetindo: «Só lamento que V não me conheça melhor. Eu não sou como esses...» E as palavras com que apodam os seus camaradas das letras estralejavam no que toca como latigos de carroceiro. O ano passado, no palco do Sá da Bandeira, onde eu tinha ido para assistir á

*primeira*, no Porto, da minha peça «A Dama do Sudo», do intervalo do 2.º para o 3.º acto — todos os amigos que tiveram a gentileza de me abraçar me segredaram: «A obra agradou-me cheio; só uma pessoa protestou contra ela e lhe chama uma imbecilidade sem pés nem cabeça...» Quiz saber quem era — e não me disseram. Mas eis que Anibal Mendonça invade os bastidores do teatro, me abraça e me felicita tambem — talvez com mais entusiasmo do que os outros; e logo notei um murmuro de repulsa entre os que me acompanhavam... Tinha sido ele, o Anibal de Mendonça, quem andara a destrubir pelos corredores, *farpasinhas* venenosas contra a peça... Sorri-me, refietti e não me zanguei. Este meu generoso carinho pelos infelizes — torna-me, de facto, um piégas...

Mizes decorridos, torno a encontra-lo — e ele pede colaboração para o meu jornal. Aceitei-a sem hesitações — mas recomendei-lhe que ela fosse... (eu não disse publicavel) estivesse ao nível do género do *Reporter X*.



— o autor do «Journal d'un desentoxiqué» — recente exito mundial. Mas o que me interessa é fixar esta lisongeria verdade; todos — mas todos, sem excepção — que me odeiam ou que me invejam (fracas ambições) e que me desajavam provar que eu era ladrão, chantagista, plágeario, assassino ou qualquer coisa de peor ainda só encontram essa palavra *morfinomo*? Quem m'o chama, a falta de acusações verdadeiras? Ah! Se eu dissesse quem é que m'o chama...

Mas que me importa! Que digam que o meu trabalho diminuiu de esforço, que produz menos ou peor do que produzia (por muito má que fosse sempre a minha prosa)! O re-to o quê? Ah! Se o tal Anibal escreve ainda que eu queimo todas as minhas possibilidades de futuro, em escapadas literarias efemerias, novelas de espuma, ninharias desprezivas, fumos, devaneios!

Se eu tivesse de me lamentar de uma bagagem tão pequena que tristeza não deveria ser — do sr. Farpasinhas de Ouro — que nem isso segregou até hoje! Eu era dos autores que, na vertigem do trabalho esqueço o que produz; mas apesar dessa memoria posso esfregar o nariz com algumas centenas de novelas efemerias, algumas dezenas de volumes ou escapadas literarias de 500 paginas, algo como dez mil artigos, reportagens, cronicas, — em portuguez, em espanhol, em italiano, em francez, em inglez, em alemão, em... É pouco, bem sei! Mas é sempre mais do que aquilo com que ele presentiou a humanidade — por muito mais elevada que seja a cotação no mercado das suas pepitas doiro!

E vê o sr. Anibal de Mendonça como se pode responder — contra — atacar (eu defendo-me; ele agrade-me existe a sua diferença) que facil é escrever sem evocar o que não faz falta? Calcule o senhor que eu possuia apenas os seus recursos! O que é que eu lhe disse, que defeitos fisicos não podia evocar, que retrato facil e impressionante eu podia desenvolver a seu respeito? E não o fiz! Ah! O senhor inveja-me; e eu não o invejo! E não é pelo que pode pensar; e pela superioridade mental; é pela generosidade de espirito...

De nós dois — ainda sou eu o mais forte — o mais piedoso, o mais... são, — apesar das doencas de que me acusa — porque eu não digo o que podia dizer enquanto você escreve o que não devia escrever!

Reporter X

**«GARANTIA»**  
COMPANHIA DE SEGUROS  
(FUNDADA EM 1853)  
Capital Integralizado Esc. 1.000.000\$00  
Reservas em 31 de Dezembro de 1927  
Esc. 6.611.565\$53

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matematica e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, ne te ponto, a «GARANTIA» tem a escudá-la o seu passado

SEDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO

(EDIFICIO PROPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 15 e 14

Casa Bancaria Souza, Cruz & C., Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 65 a 71

(EDIFICIO PROPRIO)

Entendamo-nos: Um esplendido artigo da *Eva* é um péssimo assunto para o *Eco dos Sports* ou *vice-versa*. Ele concordou... O artigo vem. Era impubliavel na *Eva*, no *Eco dos Sports*, no *Reporter X*, no *Times* ou no *Grito de Gaia*. Não o publiquei. Fui o *Nero* daquela Roma hepáticas, banhadas por um caudaloso Tiber de bilis de despeito, de inveja, de odio mesquinho... E o autor das *farpasinhas* — ficou, de azagaia no ar, á espera de ter oportunidade para me agredir.

Saiu agora um novo semanario portuense, brilhante em todos os pontos de vista e dirigido por alguns dos nomes de mais justo destaque do jornalismo portuguez. O sr. Anibal de Mendonça lá se infilrou, nem sei como, e dando-me catarada moralista e — em esilo palavroso, r-polhudo, chagado de frases pedantes e outras copiadas em péssimo pap I quimico — acusa-me de m-rador do jornalismo imbecil, sujo, perigoso e desonesto. Depois de me acusar de eu ser um Geo London nacional (que ideia fará ele de Geo London ou dos mestres do jornalismo municipal que aplaudem Geo London?) Acusa-me de *esbandalhado* de nervos, de *morfinomo* etc.!

Bendito seja Deus! Quando alguém me quer atacar não encontra outra pedra com que quebrar os meus telhados de vidro senão esse palavirão! Se eu fosse vaidoso quantos *esbandalhados nervos* não evocaria em minha defeza, desde Boud-laire e Moupasant até Claude Farrère (primo do médico que me tratou em Paris, Dr. Casaut) e Jean Cocteau

VISITE A

**Patisserie Versailles**

Avenida da Republica, 15

Lunches para casamentos e batizados

ESMERADO SERVIÇO

Telefone 3219 N.

L I S B O A

## Homens &amp; Factos do Dia

Azaña e Afonso XIII

## Ainda a «Estigmatizada de Lamego»

**A** NOSSA reportagem sobre a «Estigmatizada de Lamego» — pode ser considerada de profética, sobre dois pontos de vista.

O primeiro — na mais ousada afirmação — a de que se tratava duma mistificadora. As milagrosas chagas que sangravam às sextas feiras e ante as quais se ajoelhavam já multidões fanáticas, suplicando milagres, rezando — em transe místico — orações frenéticas e oferecendo cera e dinheiro — eram o produto duma «combine camelote» feita com uma navalha de barba, uma agulha e sangue de galinha.... Evocamos, nesse artigo, a Soror Maria da Visitação que, no ano de 1588, foi julgada e condenada pelo mesmo crime — apoz muitos anos de embuste. Bastava esse exemplo do passado para rotular de suspeita a figura dessa provinciana — que queriam impor como uma miraculada pela vontade de Deus. Era, de facto, não só banalizar os designios do Criador — como torná-los caprichosos — e injustos. Diziamos nós: «Porque razão Deus a escolheu para a estigmatizar — a ela, que ainda ha um ano foi presa por ter roubado uns sapatos — e não outro qualquer dos seus filhos menos pecadores? Podiam replicar: «Ela arrependeu-se, pela certa — e o seu arrependimento comoveu o Senhor!» Mas, nesse caso, não eram mais dignos de destaque e de benefício aqueles que nunca se arrependeram — porque nunca pecaram?... E pelo visto — a nossa logica era justa e sensata...

O outro ponto de vista — era o que se referia á differença do papel da igreja ante esses fenomenos — na Idade Media e na actualidade. A velha igreja catolica acolhia, ás cegas, e impunha, e mandava para as fogueiras os que não aceitando fanaticamente, esses milagres (?) — e sabe Deus a quantas intrigas não se presta ainda hoje homenagem, só porque na epoca não foi possivel controla-los séria e honestamente — ou porque tentar fazê-lo representava a pror das mortes — a morte pelo fogo! ??? A igreja moderna é essencialmente prudente. Hesita muito antes de tomar qualquer decisão a este respeito. Escreviamos nós: «A Igreja teme o irremediavel, o ridiculo, sancionando casos que na Idade Media não admitiam discussão mas que hoje em dia podem rechochetear graves prejuizos, abalando a fé dos que, naturalmente, associariam uns milagres a outros... E tanto tinhamos razão — que foi a igreja — um sacerdote reporter, e bem distinto, e um diário catolico quem, sem vacilar, denunciou ao publico a mistificação em termos eloquentes e inofensivos não fossem os adversarios fare-lo, acusando a Igreja de encobridora de taes escrocs de fé! E nestas circunstancias só nos revoltamos contra os que se dizem espiritos avançados, mentalidades superiores, homens de sciencia — e do seculo XX — que não só não tiveram a coragem demonstrada pela Igreja — como pareciam aceitar o fenomeno titubeando, encolhendo os hombros imadecendo

ou murmurando: «Sabe-se lá nunca!» Que roça de... ingenuos!!!! Nós que somos intrins gemente o que somos e que não nos envergouamos da nessa tolerancia em materia religiosa — não hesitamos em tomar uma attitude nitida e clara desde o primeiro dia!

Um ultimo ponto a comentar. Pode acreditar-se que essa paróla de Lamego tivesse engenho e arte para gizar, executar, manter a sua comedia sacrilega, durante todo este tempo e diante de tanta gente — diante de sacerdotes, medicos e jornalistas? Não! Pela certa ela não passa dum automato mecanizado por qualquer engenheiro de valiosa espezteza e calculo longo! Com que fito! E que será ele? Torna-se agora indispensavel — a catolicos e ateus — descobrir toda a verdade — toda, sem perda dum só detalhe!

E que fará agora a Igreja a essa mulher que comungou varias vezes — estando em pecado mortal?

Cousas do «Luna Parque»  
Lisboeta...

Este Parque Meyer tem muito que se lhe diga... A nova moda de entrada dos autos que apenas favorece os coyós que se pavoreiam ás portas das caixas, no engodo de im-

pnosistarem as conquistas scenograficas, é uma maravilha. Como se pode conceber o transito livre de veiculos por aquele labirinto de ruelas estranguladas? Se o «Parque» estivesse sempre deserto — como me recia — o perigo era pequeno. Mas basta que o publico se amassasse um pouco, formigando por ali — para que a vida de dezenas de pessoas corram serio risco — tanto mais que a maioria dos chauffeurs que lá entram, são amadores — exhibicionistas — apenas desejosos de basofia-rem velocidade... Ainda ha poucas noites uma senhora que aguardava o marido, á entrada do «Parque» sofreu um choque brutal que a lançou contra uma parede, ferindo-a, se não gravemente pelo menos dolorosamente. E' preciso que o «Luna Parque» caricatural de Lisboa entre no bom caminho.

MANUEL AZAÑA, o mais discutido dos politicos republicanos espanhois, fez, ha dias, uma declaração que convem registar:



Manuel Azaña

«Afonso XII e os seus partidarios conservam, em silencio, aspirações de restauração. E' possivel que alguns milhares de espanhois que ajudaram a fazer a Republica, não tivessem toda a coragem de sofrer as agruras e as inevitáveis desilusões de todos os inicios e comecem a cometer o erro de espirar o regresso do Rei. Seja como for, a Republica Espanhola possui provas tão eloquentes sobre o caracter do ex-soberano, provas que ainda não revelou — mas que, ao fazê-las, quando for preciso, arrebatará de todos os corações puros, mesmo entre os monarchicos, qual'quer desejo de restituição a Afonso XIII do throno que ele justificadamente perdeu.»

Recordam-se uma reportagem que nós publicamos ha mezes — «Os alcapões do Palacio do Oriente?» Pois bem: releram-na — e encontrarão a pista do enigma...

## ... Outra

Existe um controle severo — e justificavel — sobre os trabalhos a horas extraordinarias. Num momento de crise é natural que se procure energeticamente evitar que uns ganhem demais em — prejuizo dos que nada ga-

## ENTRE JUDEUS



— Qual é agóra o teu negocio, Jacob?  
— Negoceio em pombos-correios!  
— E isso deixa?  
— Alguma cousa. Eu vendo-os de manhã e eles á noite voltam para minha casa!

## C. N. N.

**D**A autoria de Augusto Guedes, ex-chefe da Repartição Aduaneira da C. N. N. e distinto Despachante-Oficial da Alfândega de Lisboa, nosso velho amigo e camarada acabamos de receber um relatório em que historia a sua passagem, como funcionario da mesma, durante cerca de dois anos, explicando assim, os fortes motivos que o levaram a pedir a demissão.

Verificamos, com bastante pesar, que tudo o que sobre a C. N. N. escrevemos, em tempos, vem, mais uma vez, confirmar-se, porquanto, sabendo nós quanto Augusto Guedes vale como homem de caracter e profissional, só com individualidades como as que, infelizmente, dirigem os destinos desta Companhia, se explica o procedimento havido para com êle...

Este nosso amigo que tão grandes e relevantes serviços prestou á C. N. N. no desempenho das suas funções de Despachante-Oficial e Chefe da Repartição Aduaneira, entre os quais bastaria citar o de haver conseguido, durante o periodo do seu exercicio, uma economia para os cofres da Companhia, superior a mil contos (1.000.000\$00) foi forçado a pedir a sua demissão, em virtude das constantes perseguições e vexames de que era alvo!

Com que fim o Conselho de Administração da C. N. N. reduziu quasi a metade os vencimentos mensaes deste funcionario e, isto, com a agravante

enormissima de o fazer sem o consultar com a antecedencia de, pelo menos, 30 dias, como o determina a Lei? Certamente, para levar Augusto Guedes a pedir a sua demissão, pois, no estado de espirito em que este se encontrava, bastaria mais este vexame para o decidir a este nobilissimo gesto.

Faremos notar aos nossos leitores que quando este nosso amigo foi convidado para ir desempenhar as funções de Chefe da Repartição Aduaneira da C. N. N. (23 de Junho de 1930) foi, entre êle e o Conselho de Administração, fixado um ordenado mensal, ficando a seu cargo, apenas, a chefia da Secção de Mercadorias, pois, o logar de Chefe da Secção de Navios era ocupado pelo Sr. Carlos Serzedêlo Freire, que por êle recebia o seu respectivo ordenado. Assim, quando, em Janeiro do corrente ano, Augusto Guedes foi convidado a chefiar a Secção de Navios em conjunto com a de «Mercadorias» em virtude do afastamento do Sr. Freire que estava sendo sindicado, seria natural que os seus vencimentos quando não fossem aumentados, pelo menos, não fossem reduzidos, pois eram-lhe exigidos maiores esforços e responsabilidades. Mas, como ao Conselho de Administração da C. N. N. o que menos importava era a questão economica do caso e a boa organização de serviços, para só lhe interessar o poder dar satisfação a um pedido de pessoa de grande influencia no meio financeiro que de-

nham... E em resultado desse controle são muitos já os industrias multados — e alguns em quantias elevadas. Mas é preciso que esse rigor seja geral... No Parque Mayer existem certas barracas onde as vendeuses trabalham das 8 da noite ás 6 da manhã — ganhando apenas dez escudos... É uma denuncia que não nos pesará na consciencia...

### Um livro portuguez que rende milhões

Qual é o livro portuguez, qual é ele, que já vai no segundo volume, revelando uma conversão sensacional, cuja casa editora (uma casa editora que poucas vezes aparece) traduziu essa obra em varios idiomas, sem o dizer a ninguém (em inglez, francez, alemão, italiano, etc.) tira do um total de 15 milhões de exemplares os quaes rendem só ao autor 15 milhões de... meios shellings?

É caso para todos os publicistas nacionaes se converterem ou procurarem ser focados pelas mesmas razões que formam aquele inesperado colega(?) um autor... internacional...

### A Historia das Grandes Fortunas

Existe um industrial milionario ou talvez arquê, estabelecendo na City cujos actos, pelo requinte de maldade, pelo excesso de egoismo e pela desmedida ambição dariam recheio a varios personagens de Sheakpear — desde de Shylock, no que Shylock aparenta de perverso até Tuller ou o Henrique IV... E tem apenas trinta anos — o cavalheiro.

O que será quando chegar aos cincoenta...

Encontra-se na mais horrivel miséria a familia de um ex-empregado seu — por sua culpa, por capricho da sua maldade. O folhetim que se oculta atraz dessa tragédia é dos mais repugnantes que conhecemos — e dele trataremos no proximo número por absoluta falta de espaço no presente número. Entretanto esse cavalheiro, cuja riqueza foi iniciada em duas ruas da Baixa — Rua Arco de Bandeira e outra para os lados do Arsenal — sugere-nos uma reportagem sensacional; A Historia d'algumas grandes fortunas nacionais...

### Bernardo Shaw e Portugal

BERNARDO SHAW, o velho escritor inglez que bate o record da originalidade e do escandalo inofensivo —

declarou num diario de Londres o seguinte: «Uma das minhas admiradoras epistolares adquiriu um chalet numa praia semi-selvagem (?) de Portugal a poucos kilometros de Lisboa, expressamente para eu passar uns mezes este verão. É muito possivel que aproveite este verão para escrever a minha proxima peça...»

Por um lado é lisonjeiro — noutro — isto de praia semi-selvagem... é pesadote. A que praia se refere? Será ao... Estoril?



Bernardo Shaw

# reporter

O SEMANARIO

DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSACÃO NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor  
REINALDO FERREIRA  
(REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua do Loreto, 42, 1.º Tel. 25787 e 28249  
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

Delegação no Porto:  
R. Passos Manuel, 241 — Tel. 4391

Composição e Impressão  
Rua da Horta Seca, 5 — LISBOA

3 meses — série de 12 numeros — Esc. 11850  
6 — — — — — 25 — — — — — Esc. 22850  
12 — — — — — 52 — — — — — Esc. 44850  
Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

sejava que o referido logar viesse a ser ocupado por um seu protegido que ainda hoje exerce o cargo, para o que foi nomeado interinamente, e logo no mesmo dia em que Augusto Guedes pediu a sua demissão. Para que esta nomeação tivesse um certo ar de legalidade, foi, pelo Conselho de Administração da C. N. N., aberto um «pseudo-concurso» de que apenas tiveram conhecimento uma escassa duzia de Despachantes-Oficiaes (Classe que conta mais de cem membros), não sendo publicados anuncios nem afixados editaes, resultando desta comedia, pomposamente intitulada «Concurso» ser dado o logar ao mesmo, apesar de entre as varias propostas, apresentadas pelos interessados, haver algumas mais vantajosas financeiramente para os Cofres da Companhia...

Não fazemos comentarios, limitamos, apenas, a perguntar se é por processos destes que se recompensa o trabalho honesto e os esforços dum funcionario no desempenho do seu cargo.

Esperamos, porém, que os destinos da nossa primeira empresa de navegação não fiquem eternamente dirigidos por personalidades tão pouco conscienciosas e, então, certamente, justiça será feita a Augusto Guedes para quem vão os protestos da nossa inteira solidariedade.

## A CAMIONETTE PARA DOIS...



Sr. Rodolfo Kollmanspreger — delegado em Portugal da «G. M.» que passa a vida como um sebastianista, esperando as respostas de Barcelona, para resolver as cousas de Portugal

«— Desagrada-me falar do assunto — entre outras razões porque necessito estar tranquilo para poder lutar de novo pela vida. Mas não quero deixar de atender um pedido do Reporter X jornal que muito admiro pela técnica, pela sua moral e pela sua intransigência. Devo dizer-lhe, antes de mais nada, que estou convencido de que a direcção da «General Motors», com G grande, e M grande, seria a primeira, se um dia tivesse conhecimento do facto, a reprovar a atitude da sua confusa organização hispano-americano-teutonica.

Igualmente a direcção da fabrica, penso que estaria pela minha razão.

Enquanto trabalhei directamente com a «Opel», hoje pertença da «G. M.», desde os seus directores ao mais modesto empregado, todos me deram provas da maior correcção comercial e amizade.

Da mesma maneira os americanos com quem tratei, entre eles o Director Sr. W. Boyce, foram sempre perfeitos «gentlemen», e corretos comerciantes em todo o seu trato. Mas em compensação a organização colectiva denominada «General Motors Peninsular» tem para com a minha firma dado provas da maior incorrecção; falhando a todas as praxes e escrúpulos comerciais.

Não sou porém eu que lhe devo dizer, mas sim os meus livros e correspondência que o levarão a fazer o seu juízo.

— Estão ao seu dispor.

— Não é a minha especialidade compulsar livros comerciais, mas mesmo assim, vamos lá a isso.

QUANDO o Reporter X em 1 de Abril, consagrou um «radio»... X a este assunto — alguns semfillistas julgaram sentir interferências e duvidaram da nitidez da comunicação. Resolvemos procurar a vítima invocada gerente da firma em questão. Após largas marchas encontramos o sr. S. de C. que depois de hesitações, mas confirmando em absoluto o nosso radio, nos declarou o seguinte:

Depois de receber o dinheiro de dois clientes pelo mesmo «chassis», entrega-o a um e nega-se a responder ao outro, apesar de todas as «démarches» realizadas durante trez mezes — ... continuando os dollars em seu poder

As atribuições dum reporter, mais habituado a lêr classicos e contemporaneos, do que — «acusamos a recepção do seu presado favôr de...»

Rotulemos por letras a sequencias dos factos e iniciemos a sua resenha:

- A — Em 25 de Outubro 1931, encomendou á firma Auto-Mecanica, L.da entre outras unidades um «chassis» Blitz.  
B — Darada de Madrid, 27 Outubro recebe a

GENERAL MOTORS PENINSULAR S. A.  
CALLE DE MADRID, 31  
MADRID

N.º 3786

Hemos recibido de D. AUTO-MECANICA  
de LISBOA la cantidad de  
PTAS. QUATRO CENTOS SESSENTA E QUATRO 400,00

valor de nuestra factura N.º 11667 fecha  
cuyo importe dejamos abonado en su cuenta.

L.R.C. Madrid, 27 de OCTUBRE de 1931

000420  
G. S. A. LISBOA

SON PTAS. 400,00

O Recibo passado pela «G. M.» — última comunicação dessa entidade — já lá vão trez mezes...

mesma firma uma carta, confirmando a encomenda e avisando do envio dos respectivos documentos ao Banco, enviando também a factura, na qual era mencionado que o «chassis» tinha o numero 55-57-150 (motor 15-51) e acrescentando que o banco tinha ordem para cobrar 8% de juros pelos dias que houvesse na demora do pagamento.

C — Em 15 de Novembro avisava a Auto-Mecanica, L.da a sucursal de Lisboa do Bank of London & South America, que tinha em seu poder para cobrar, os documentos do valor do respectivo «chassis».

D — Em 6 de Fevereiro pagava a Auto-Mecanica, L.da no Banco, a importancia do «chassis» acrescida dos respectivos juros de 8% pelas demoras do levantamento, e recebia do mesmo banco um recibo do valor cobrado assinado pela «General Motors», e um talão para lhe ser entregue no Porto pelo sr. Candido Mota, armazenista da «G. M.», o «chassis» n.º 55-57-150.

E — Vendido pela Auto-Mecanica, L.da, o «chassis» n.º 55-57-150, dirigiu-se o seu comprador ao Porto para receber o alu-

dido «chassis», em troca do respectivo talão de entrega — mas foi ali informado que não existia no armazem o sr. Candido Mota Junior o «chassis» n.º 55-57-150 (motor 1551) por ter sido vendido a outro cliente.

F — Em 10 de Fevereiro fez á Auto-Mecanica, L.da, uma reclamação verbal sob o caso confirmada por carta, e na presença de testemunhas, ao delegado da «General Motors», sr. R. Kollmanspreger, á qual o mesmo sr. respondeu ir telefonar imediatamente a Madrid sobre o caso.

G — Em 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26 nenhuma resposta chegou da «General Motors».

H — Em vista d.s.o e atendendo ao grande prejuizo que isso lhe causava, escreveu a firma lesada, em 26 de Fevereiro, dirigida á «General Motors», uma carta registada com aviso de recepção.

I — Em 27, 28, 29 Fevereiro, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, nenhuma resposta escrita chegou da «G. M.».

J — De novo a firma lesada escreveu outra carta registada com aviso de recepção, em 12 de Março pedindo resposta á sua carta de 26 de Fevereiro da qual enviou copia.

K — Finalmente a «General Motors» dignou-se responder em 15 de Março, mas só para dizer que o seu delegado viria a Lisboa tratar verbalmente do assunto.

L — Passaram-se os dias, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, Março, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de Abril, data a é á qual não encontramos resposta alguma.

Eis o que o nosso exame directo encontrou, mas que, para um conceito claro, teve infelizmente que ser esclarecido por esta pergunta:

(Conclue na pág. 13)

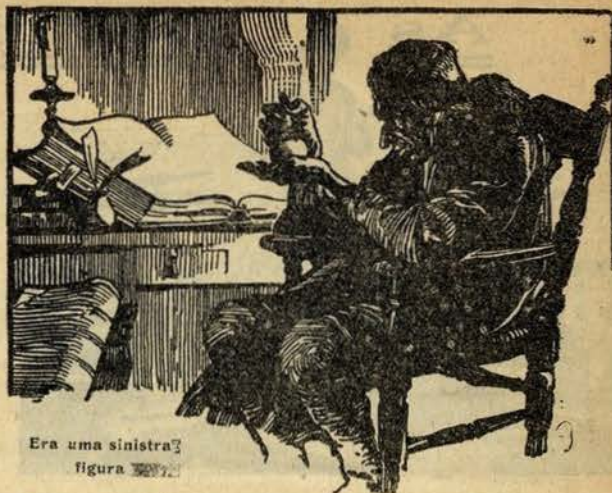


O sr. Candido da Mota, depositario da «G. M.» que não pode entregar a citada camionette, porque... já a tinha entregue, contra outros documentos, ... igualmente legais

# ROUBARAM

## «A CEIA DOS CARDEAIS»

Um curioso drama em redor  
da celebre peça  
de JULIO DANTAS



Era uma sinistra  
figura

EXISTE, no Bairro Andrade, próximo a Almirante Reis, uma rua um tanto íngreme e tortuosa, mas tão bem scenografada e dum recato e silencio tão acolhedores, que recorda o palco de certos contos de François Coppé. Vivi, nessa rua, as horas mais gratas da minha meninice. Foi n'ela — e nessa epoca, que se representou o prologo da reportagem que hoje escrevo. Foi nessa rua, discreta e silenciosa, que se desenvolveu, ha poucos dias, o epilogo...

Era nossa visinha, no terceiro andar, uma familia brasileira composta de pae e mãe — ventrudos ambos, apesar da magreza e do tom amarelento das faces; a uma filha de desoito anos, dum moreno baço, feições vagamente aztéques mas insinuante, viva, palradora... Tinham vindo, para Europa, poucos mezes antes; e segundo cochichava o mercieiro da esquina — (que o ouvira à porteira e esta a uma creada mulata) o motivo que os levara a despazarem-se estava ligado a uma tragedia de que muitos accusavam o velho brasileiro como responsavel de morte d'homem — ou d'homens...

A pequena tinha pretensões literarias, e uma noite, antes de serem conhecidos estes sangrentos boatos, minha familia convidou-a a compartilhar a uma festa íntima. Falou-se de arte, de literatura, de autores — e a mocinha, afogueada d'entusiasmo confessou a sua paixão — o seu poeta predilecto: o Julio Dantas; e a sua obsessão: «A Ceia dos Cardeais». E como que para provar essa idolatria — quiz que todos que a escutavam atravessassem o patamar,

entrassem no escritorio do *papai* — um gabinete luxuoso de novo rico, com tinteiros monumentaes e virgens de tinta; altas estanterias cheias de livros volumosos, doirados e... por lêr — e que vissemos a sua «Ceia dos Cardeais» — valiosa, garantia-nos ela, como uma joia e original como uma ideia de Picasso... Extranharam todos o convite e sobretudo a teimosa

messé o assalto ao tesouro, andou à volta, a exhibi-lo — sem que o soltasse da mão um só instante. A edição da «Ceia dos Cardeais» era vulgar — e a encadernação, se alguma originalidade oferecesse era abafada pela grossaria da riqueza, o exagero dos doirados... A mocinha, a certa altura tirou a obra das mãos paternas — e porque, todos o notaram, tornando mais lindas as faces amarelentas, esboçou um gesto alvo-raçado... Mas a joven, sem reparar embora tão avarenta como o velho abriu o volume; e não o largando tão pouco patenteou a todos os olhares umas linhas rabiscadas abaixo do titulo...

— «Você vê? perguntava a cada um dos convivas. Tem dedicatória de Julio Dantas — pois... E você leia o que ele me chama... «esperançosa colega...»

Mal terminara a exposição do livro e se esgotaram as lisonjas obrigatorias o velho brasileiro, arrancou-o quasi das mãos da filha, e tropeçando empuleirou-se de novo no escadote, guardando-o e fechando-o a sete chaves. Ao passar-mos pelo patamar, no regresso um escritor que pertencia ao grupo, segredou a alguém que fá a seu lados «— Quando ouvi os termos da dedicatória — estranhei-o: porque eram incompatíveis

com o sinatario. Mas ao relancear-lhe a vista — a custo me contive. Eu conheço bem a letra de Julio Dantas que é tão semelhante aquela como a minha aos caracteres chinos...»

Quem seria o falsificador da dedicatória?

Estive vinte anos sem visitar aquela rua íngreme, recatada e silenciosa do Bairro Andrade. Ha poucos

(Conclue na pág. 15)



A scena tal como nos foi reconstituída

insistencia do passeio pela escada — quando seria mais correcto e simples ir ela busca-lo e trazel'o... Mas *papai* não se mostrou tão envaidecido, como a filha — antes conteve, e mal, certo desgredo pela caturrice da *minina!* Procurando sorrir, fez tlintar molhos de chaves; trepou a um escadote digno de iruditas bibliotecas e retirou da mais alta prateleira, o livro anunciado. Como um sacerdote que tivesse aberto o relicario — ou um avarento que te-

As aventuras extraordinarias

Dos jornalistas que realizam reportagens nos "bas fonds" das grandes cidades



«O Reporter X» fregolizado em mendigo — na sua reportagem de 1917...

NOTAVEL entre os mais notáveis reporteres dos *bas-fonds* das grandes capitais europeias, George Le Févre, o jornalista francês que sentiu e viveu o mundo ignorado dos infelizes desprotegidos da sorte, conta n'um livro recentemente publicado como vivem os degredados da sociedade em Londres, Paris, Berlim e Hamburgo.

Para os ver, apreciar e compreender não hesitou em viver a vida que eles vivem, a ser como eles são; durante alguns dias provando o trazo amargo das horas mal dormidas, das fomes nunca completamente saciadas, e da maior miseria moral em que se batalham por vezes os sentimentos mais nobres e os caracteres mais dignos da sociedade. Quantos desses desgraçados não seriam *alguem* no mundo socialmente conhecido se a fatalidade os não houvesse lançado para o degredo ou — e isso muito mais barbaro — n'eles não tivessem nascido, logo destinados a viver, como os filhos dos escravos d'outras épocas, acorrentados ao vil destino dos seus infelizes maiores?

Dentro d'um mundo — o mundo que todos nós conhecemos — um outro mundo horrível que vive sem viver, fóra da lei não porque voluntariamente saltasse os seus limites, mas porque o negro destino assim o quiz, negando-lhe a oportunidade de ser igual ao outro.

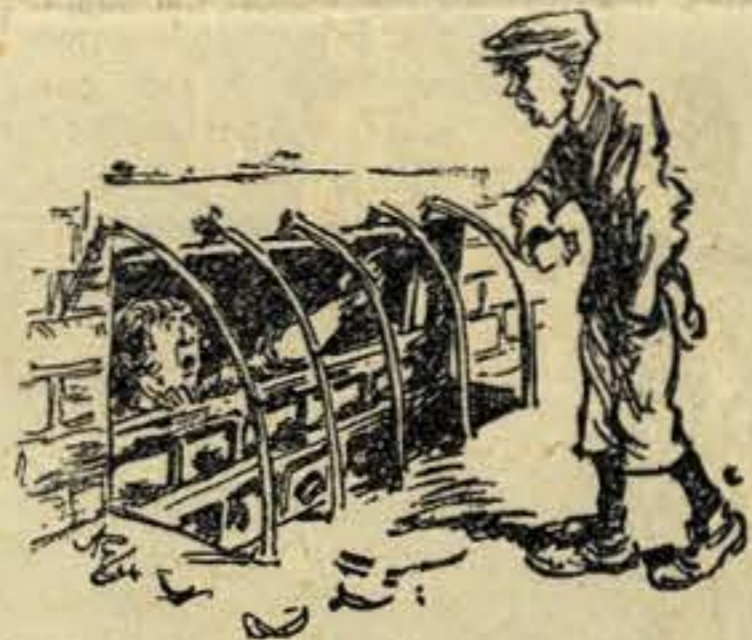
Londres, um *cuidadoso* vestuário *signé* Whitchapel, um amigo disposto a agir dias depois, se não recebesse notícias para o descobrir entre os vivos ou mortos e eis que George Le Févre inicia a sua aventura...

Em Whitchapel

Le Févre resolutamente entrou nos segredos da vida da escumalha de quatro das maiores cidades europeias. Em Whitchapel dormia sobre os bancos das praças sempre alerta pela chegada da policia que atentamente vigia a letra da lei que permite aos desgraçados passarem a noite ali, mas sem dormir. Ha os que sem interrupção do sono — tal é o triste habito — abrem os olhos maquinalmente á chegada do zeloso guarda, ha os que se habituaram a dormir sempre

de olhos abertos mais lembrando cadaveres do que homens vivos... Como essa enorme legião de desempregados que veiu engrossar esse estranho mundo de infelizes, o jornalista passou noites em asilos — onde só uma unica noite se pode dormir em toda a vida, tal é a concorrência e para que a todos chegue um dia a sua vez — comeu nas vis cosinhas economicas da miseria; bebeu nos *Public Bars* da desgraça, foi convidado e aceitou compartilhar do leito d'uma dessas centenas de milhar de desgraçadas que a miseria leva a vender o corpo e a alma por um copo de whisky ou Dry-gin — verdadeiros estupefacientes liquidos...

Correu as oficinas e fabricas de Londres



O preto acercou-se das grades

esperando a felicidade de qualquer trabalho que desse para o pão negro desse dia... recebeu as mais inesperadas provas de solidariedade humana — aquela solidariedade que só a desgraça pode provocar — sentiu o palpitar d'aquelas vidas rudes e infelizes para quem a fatalidade e desgraça é tanta que nem conhecem o sentimento da revolta; vivem nas ruas sem sol de Berlim, ruas onde nunca entra a limpeza camararia.

Em Hamburgo sentiu a vida brutal dos navegantes que jogam a vida em terra como quem se diverte... tão habituados estão á incerteza dos mares onde vivem noventa por cento da sua vida. Em Paris fez de apache, profundou e achou uma explicação para aquela miseria moral.

E conta que, em Londres antes de iniciar a sua reportagem tendo mostrado empenho em conhecer de perto alguns dos homens

perigosos, d'aqueles que a policia vigia, um Comissario amigo lhe aconselhou de preferencia uma visita aos *Hotéis e Restaurants de Luxo*, da *Grand City*...

Um reporter do «Paris-Midi» entre os «apaches»

Mas não foi Le Févre o primeiro e unico reporter que desceu aos *bas-fonds* das grandes cidades. Antes d'elles, em 1929, para «Paris-Midi», Jeou Vix viveu com os apaches mais perigosos e teatraes dos arredores dos *Haller* e dos *boulevards* exteriores.

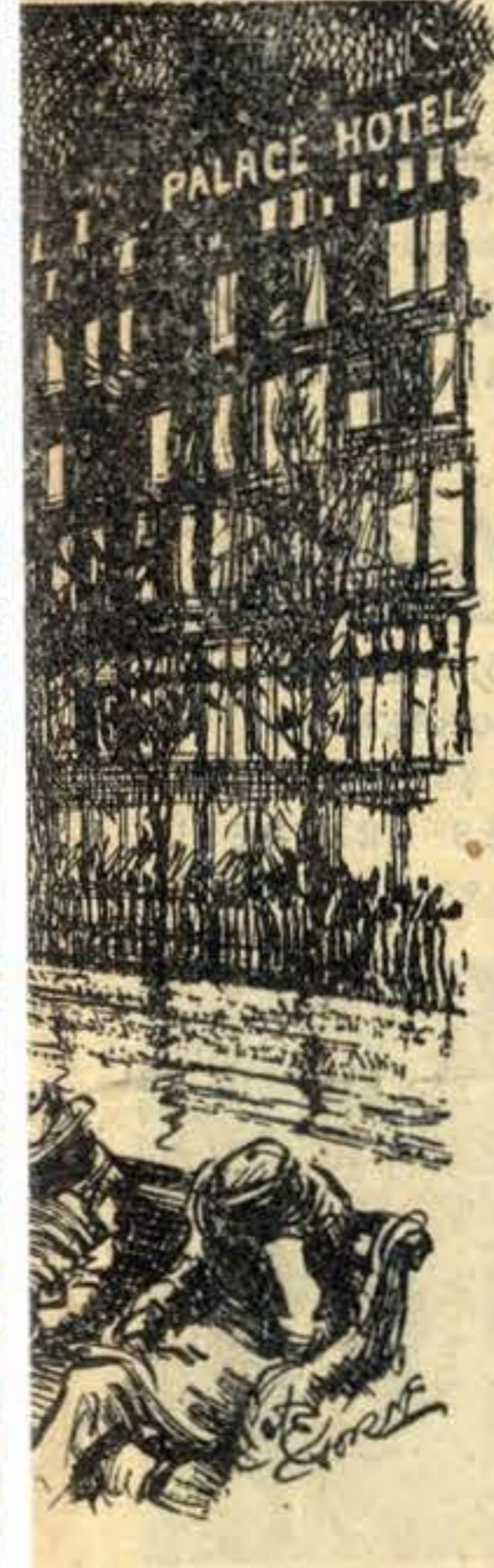
«Se muitas vezes os escritores fantasiavam ao fazerem romances d'apaches — diz o reporter — os apaches não tardam em tornar reaes e verosimeis essas fantasias adaptando-as... E' falso e seria ridiculo afirmar que existem *sindicatos, federações secretas d'apaches*, com ranchos-vermelhos, juizes e carascos etc.; mas existe, sim, por um instinto colectivo, com esboço de rede — mesmo talvez sem eles dar por isso...

E conta: «Saí de Paris em 22 de Outubro e transformei-me em autentico *witore*, em casa dum antigo creado de confiança, nos arredores de Paris, fazendo a minha aparição nas fortificações, na noite de 23 para 24. Andei por entre aquelas centenas de casebres tão hermeticamente fechados que se empastelam na noite deserta e silenciosa. Tomei a actividade de *alguem* que foge,



Em Londres: Frente ao sumptuo á chuva nos

que se sente perseguido e procura um refugio... A certa altura os meus nervos denunciaram que eu era esperado na sombra. Começaram a trilar assobios maçonicos que provocavam outros a distancia... Cinco minutos depois vi que cercado por dez, doze homens que surgiam como que por encanto. Tentaram provocar-me e eu, representando o mesmo papel, acalmei-os com esta frase: «*Ando a coçar-me dos flics*» (*flics*-policias).» Soltavam gargalhadas pouco animadoras para mim. Não é facil enganar aquela gente. Estão habituados a todos os *trucs* dos *detectives* da Perfeitura. Um deles convidou-me a um copo — perguntando-me, velhacamente, se com as *comichões* que eu sentia eram *consequencia de peladas d'abelhas* e se eu, ao ir á *colmeia* trouxera mel para eles tomarem tambem.



Hotel, os miseraveis dormem publicos.

«Os *voyons* experimentavam-me, falando em calão — para vêr se eu era, de facto, da seita. Ora eu preparei-me para tudo — até para falar em *patois* das barreiras. O que eles queriam dizer na rua era se eu fugia á policia por causa de algum roubo e se conseguira roubar o que pretendia.» Pôz *Hinter* alguns francos no bolso do casaco — e segredou-lhes: «*Credit Anversois*.» De facto, dias antes, dera-se um roubo habilidoso na delegação daquele banco num suburbio de Paris — o segundo me informara a policia, o ladrão era um belga especia-

lista naquele genero mas que trabalhava pela primeira

vezem ranca. O meu plano era passar por esse belga.

«Levado para uma especie de cabaret subterraneo, tive de atravessar varias salas, varios se-

gedros, para chegar até a um esconso misterioso onde estavam reunidos os «chefes». Quer logo dizer que, sendo toda aquela gente *hors de la loi* — havia varias divisões, varias classes, uma organização maçonica, em suma.

Fui interrogado como qualquer preso que cai no comissariado. E, note-se; o apache que me interrogava era um rapagão de trinta anos, espadado, d'olhos azuis, vivos e mãos cuidadas, de janota era dum invulgar inteligencia. Foi preciso um grande esforço para não me trair e não cair nas ciladas que ele me armava continuamente. Convencido de que eu era, de facto um *irmão de metter*, ordenou para os que me tinham trazido á sua presença: «*Associe-mo!* Mas, por enquanto é preciso levá-lo á escola. Entregá-o ao *Louis le boeuf* para que o engula pelo

mesmo sistema de que fizemos com o grego... Lembra-te? Duas noites na escola; outras duas na alta; e assim por diante! «Eu estudava plano de defeza contra a policia — mas — quizera saber com quanto *capital* entrava eu para a sociedade: «Apenas podes *sorver* dez mil francos... E' toda a rezerva...» — confidenciai. «Não mentes? — inquiriu o chefe.» — «Não minto.» — «Já



Em Berlim: Ao lado do luxo e da luz — as trevas e a miseria

sabes! A' primeira mentira és julgado como o ultimo dos traidores. E se não mentes — basta que nos des um *dote* de 10 por cento — ou seja de mil francos... para custas e outras despesas.»

«Que esplendida organização me foi dado conhecer, graças a este *truc!* Naquela noite levaram-me a uma escola — que escola, senhores — de Belleville — cujo professor — um velho de aspecto bonacheirão — pertence á grei! Dormi lá duas noites. Depois — entrei como *escriturario* dum especie de «Associação de Socorros Mutuos» (funcionava como tal sob a mascara de pertencer a vendedores ambulantes, *camelotiers*, etc. mas que de facto socorria numerosos *sequestrados* da Santé e internados de varios degredos e suas familias...) Trabalhando, honestamente, sob a ordem de chefes d'aspecto burguez — e igualmente associados aos apaches. Por ultimo fui creador dum café do Boulevard de Villiers, hospede de um hotel de Ville Neuf de H. George, chauffeur particular... de uma atriz conhecida embora não celebre — mas que nem eu nem ninguem podia supor que... recebesse ordens da escoria da sociedade — dos apaches; e quando resolvi desertar — tentei ainda varios locais e varios papeis a representar — preparados inteligentemente pela «Sociedade» afim de evitar que eu caísse nas mãos da policia...

Quando Vix publicou a primeira reportagem no «Paris Midi» — ou seja quando os seus *protectores* e *aliados* desconheciam que ele era um jornalista e que os tinha burlado — recebeu uma carta — que tambem publicou (na 5.ª reportagem) na qual o chefe — *Louis le Boeuf* — lhe dizia: «Se fosses

(Conclue na pagina 13)



# Qual é



A estatua de Camões em Lisboa (a seta indica o local... onde foi visto o estranho fenomeno)

**N**O Pateo do Torel palestravam, jornalistas e agentes, numa intimidade de irmãos do mesmo *metier* — de heróis da mesma aventura. Um dos presentes — policia ou reporter — evocou uma scena a que assistiu em Barcelona.

«Estava frente a cadeia — uma torre d'aspecto medieval que se ergue numa praça ajardinada. Um grupo de notivagos — mas notivagos da provincia cuja unica orgia é a *tournee* pelos *restaurants* (onde ele ha bom...) — surpreendido, ás 3 da manhã, por uma intempérie violenta vieram-se aninhar num portal visinho á cadeia. Sub to um de nós reparou que uma cabeça se quadriculava, moldurada pelas grades de uma janella. Jamais em circulo vi trabalho de contorlimista igual áquella. Como é possível que um corpo humano alcance a elasticidade necessaria para se escur por um rectangulo de 20 cm. de alto por 15 de largo? Não sei! Sei dizer que o corpo passou; e graças a um estendal de lençoes enfiados, á laia de corda, o fugitivo chegou ao passeio. E a seguir — outro e outro... Eram cinco! Só cá em baixo deram pela nossa presença! Calcule-se o terror daquella gente! Tanto esforço, tanto risco — e afinal para... quê? Mas depois viam-se tão imóveis... tão silenciosos... tão estaticos que não nos temeram... E cada um deles irradiava, numa corrida de zebra, em sua direção difrente! E' que, quando a au. acia atinge certo paradoxismo — liberta-se de todas as ameaças porque quem a presença e podia pol-a em perigo que da-se uma especie de duvida, de incerteza de timidez que facilita o remate da façanha.»

Quando se terminou esta historia, um dos ouvintes — jornalista ou policia — sorria-se e comentou:

«A tua dissertação é absolutamente exacta! Já uma vez tive occasião de a comprovar. A audacia só deixa de ser proveitosa para quem a pratica — quando o audacioso... *treme* antes de concluir'a... Eu vos contarei algo que é a prova dos nove do que afirmo...»

«Ha tempos deu-se um roubo numa joalheria da Baixa — roubo que valia repor agens nas nuaves posto que não estemos poupados a proeza daquelle quilite. A tecnica dos gatuos, todos os detalhes que o revestiam demonstravam que não se tratam nem de principiantes — nem de «artistas» portugueses. Suspeitou-se do celebre bando do belga Quisot (ex-socio da ladroeira dum cavalheiro que já prosapiou nos altos s. lões e na alta banca nacional). Foram presos alguns dos cumplices que, embora nega-sem habilidosamente, deixaram á policia o convencimento que tinham participado no assalto. Mas falta a prova principal: as joias roubadas que, pelo numero, volume e qualidade, mas eram facéis de esconder.

## o tesouro que deram a guardar

### à estatua de Camões?

Fizeram-se buscas, vasculharam-se bagagens, encombararam-se amigos e conhecidos, proximos e distantes dos suspeitos — e nem o mais ligeiro vestigio. O desespero dos agentes levou-os até ao extremo de rebusca-

rem todos os coios, todos os armazens de receptores e de exercerem vigilancias immediatamente severas nas fronteiras de terra e mar. Tudo inutil — e os presos foram postos em liberdade.

Seis mezes depois a imprensa franceza annunciava a morte do Quisot, em Saint-Juste, no Midi da França em condições misteriosas. Um viajante de modos inigmaticos se foi hospedar numa estalagem de aldeia — dando a impressão de alguém que se oculta... naquelle mesma noite outros tres frasteiros desconhecidos surgiram e houve quem os visse rondar a estalagem. Na manhã seguinte o cavalheiro appareceu morto assassinado. Autopsia — e, á falta de elementos que esclarecessem as auctoridades, enterraram-no. O correio funebre atravessara a aldía seguido apenas por um genjarne e um sacerdote.

Mas eis que surge um inspector de Paris que se interessa pelo assunto e descobre que a vittima era, nada menos, de que Quisot, o chefe do celebre bando — e que fora assassinado pelos cumplices! Qual a causa do crime? Um dos criminosos, preso a tempo, confessou que o chefe ocultara o producto dum roubo que cometera com o bando em Lisboa — no valor de 200.000 francos e que, passado o perigo policial, viera buscá-lo com os colaboradores. E assim era de facto. A policia franceza teve as provas. Mas onde o escondera Quisot?

«Só o sonhe mezes depois por um acaso... Estava eu á porta da Leitaria Camões — e discutia com um amigo o esta. o em que se encontra a estatua do grande epicico. — Parece impossível que, de tempos a tempos não mandem desencardir o corpo do autor dos Lu-liadas e que o deixem tão sujo como qualquer vagabundo!» — «Não é tanto assim!» — replicou o meu amigo. Como sabes tenho o habito de me deitar tarde, e rara é a madrugada que não a passe neste local ou arredores conversando com nocivagos da minha força pois bem: um pouco mais de um ano já são duas vezes que assisti ao trabalho de limpeza da estatua de Camões. Só me admira que a Camara escolha a madrugada para esse serviço; e que não offereça aos ope arios que o fazem material adequado!»

Senti um palpite e exigi detalhes. Ele explicou.

«— A primeira vez foi em... (e deu a

data visinha á do roubo do joalheiro). Eram quasi quatro da manhã chegaram aqui dois homens e uma carroça. Tiraram da carroça uma escada, despiram os casacos, arregaçaram as mangas, encheram baldes, e enquanto um subia ao primeiro *virme* e depois trepava, como um escalador acrobatico até ao epicico, o outro por meio de cordas passava-lhe os baldes e outro, unsilios para a limpeza. Juntou-se muita gente para vêr — mas foi rapido. Logo arrumaram o material na carroça e partiram. A segunda vez... (to ha poucos mezes. Scena a qual e de igual duração.)

«Não era preciso mais para que, no meu espirito se fizesse luz. Que melhor esconderijo podia Quisot encontrar para o seu tesouro? Qualquer que fôsse o resultado do roubo (mesmo que fôsse preso) passado o perigo viria bu-car as joias... seria rico! Os baldes cheios d'agua, continham os cofres com as joias. As joias eram facéis de esconder entre a capa de bronze e o corpo do poeta. Quando a ameaça se extinguiu, Quisot voltou a Portugal — e com novos cumplices, com que não era obrigado a dividir aquell-tesouro procurou reaver as joias, transportando-as... nos mesmos baldes...»

Era esperto o tal Quisot! E quem havia de fazer a Camões que servira um dia de cumplice a um gatuano celebre?

Quereis dinheiro?  
Jogal no

*Gama*

Rua do Amparo, 51 — LISBOA  
PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo  
SEMPRE SORTES GRANDES!!!



O enterro atravessava a aldeia franceza, seguido apenas dum genjarne e dum sacerdote

## A vida d'um Globe-Trotter



A' esquerda: Mr. Lancaster na idade das suas primeiras aventuras.  
A' direita: a eterna multidão dos aventureiros em busca da fortuna.

**M**R. Alfred Eric Lancaster, conforme nos prometera não faltou, no dia e hora marcados, a contar-nos algumas das suas audaciosas aventuras, durante toda uma longa vida de empreendimentos. Semanalmente daremos aos nossos leitores o relato de um ou mais dos notáveis sucessos da vida deste grande Globe-Trotter o que, estamos convencidos, vai interessar os nossos leitores certos de que estas aventuras não são fantasiadas, mas o relato sucinto e sincero de quanto Mr. Lancaster nos fôr contando.

## O sonho da mocidade

— Eu tinha apenas 16 anos quando abalei de casa. Desesseis anos de idade, saúde e músculos de ferro e, comandando isto, uma ambição sem limites, de percorrer mundo, conseguir fortuna e notoriedade . . .

— Só realicei a primeira parte do meu sonho e . . . q'antos sacrificios, quantos perigos para realizar! Não estou por-m arrepentido. Vivi com V grande, — vivi uma vida que vale certamente muitas vidas . . .

Seate-se no olhar subitamente sombrio de Mr. Lancaster, no curto intervalo em que semicerrou os seus olhos claros, que vão passando n'uma louca vertigem recordação: s boas e recordações más . . . Talvez, uma ultima lembrança da boa velhinha que fôra sua segunda mãe e a quem matou de desgosto ao recusar-se á vida eclesiastica para que o havia destinado . . . Talvez, da hora em que vira sumir-se a sua primeira ilusão, na luta tremenda que ia travar-se entre o amor e a ambição. Talvez, das tristes revelações da ferocidade do homem quando lançado na estrada da aventura, que tudo sacrifica, tudo emola no altar do ouro e da ambição.

Talvês . . . os nossos leitores hão-de como nós, poder avaliar o *fl'me* real que terá passado pela mente de Mr. Lancaster, quando conhecerem toda a sua aventureira vida.

— Nascido em Reading, fui muito pequeno ainda levado para a Irlanda por uma tia minha que assim ajudaria meu pai que tinha a seu cargo uma familia demasiado numerosa para os seus magros rendimentos. Os livros de estudo pouco me interessavam. O Latim — isso arrepiava-me! Lia muito e factó, mas só me deliciavam os livros de aventuras.

— Aos dezas-ís anos não me foi possível dominar por mais tempo a ambição que de mim se apossara e me adormecera todos os outros sentimentos: Abalei de casa, deixei a minha linda aldeia de vida pura e santa,

marchando audaciosamente a caminho de Dublin. Dali para Southampton não me foi difficil pagar com trabalho o transporte.

Nesses belos tempos havia trabalho para todos . . . até para aqueles que não queriam trabalhar.

Southampton era uma das saídas para o Oceano; uma das entradas para os mundos distantes. Embarquei como moço de convés a bordo do primeiro barco que seguia a caminho de Africa.

Ao desembarcar em Cape-Town — essa bela cidade cujo local local foi descoberto pelos portugueses, — inicieí de facto a minha vida de aventuras.

## Primeiro despertar, em Africa

Estavamos em 1898. Fui vendedor de jornais, capatez de manobras nas docas . . . fui carregador ao lado dos prètos . . . fiz tudo, gachei a vida honradamente, sempre alegre e confiante no futuro. Quando rebentou a guerra Boer alistei-me sem demora no exercito Britanico, e combati até á ultima batalha com o mesmo espirito de aventura e de ganhar a vida, tal como ven-era os jorneis ou carregara fardos . . . sem medo e sem odio — tanto assim que, depois da capitulação Boer não me foi difficil ingressar numa familia de caçadores percorrendo na sua companhia quasi toda a região do Transvaal e Rhodesia Sul, na caça ao Elefante.

Os Boers então, na sua maioria, levavam uma verdadeira vida nomada. Os seus grandes carros eram os seus lares. Familias numerosissimas — era vulgar uma mãe dar quinze a vinte filhos — as suas vidas passavam-se numa promiscuidade . . . Biblica. Casavam

## Nota da Redacção

*Este primeiro capitulo de aventuras da vida de Mr. Lancaster que hoje publicamos, era a seqüencia duma entrevista que o illustre jornalista-Detective Inglez nos concedeu e que não foi publicada no numero anterior deste semanario devido a ter-se deteriorado a composição tambem desse original no incendio que destruiu parte das oficinas onde o «Reporter X» era composto e impresso, no Porto.*

*Será pois publicada no proximo numero e que nos desculpem os nossos leitores.*

# As primeiras aventuras de Mr. Lancaster

Da sua aldeia Irlandeza ao sertão Africano — O sonho da mocidade — Uma condenação para a vida toda

muito cedo e viviam muitos enos. Não era difficil casar — Nem igreja, nem padre. O chefe da familia, longas barbas de patriarca, logo que tinha conhecimento de que havia entre os seus jovens, filhos ou parentes, relações que houvessem passado as fronteiras da mera amizade, chamava-os e num domingo de leitura de Biblia — unia-os perante a lei do Deus Cristiano.

— E não julguem que era imoral aquella vida. Eu, porque me não quiz casar — pois não estava disposto a fixar-me para sempre em Africa — vi-me forçado a abandonar aquella boa familia e evitar o amor que os meus verdes anos e mascula figura, tinham inspirado numa menina — tipo de beleza Boer, — beleza que prometia honrar a famia com uns vinte bebês no mais curto prazo possível . . .

— A ambição e o espirito de aventura conseguiram vencer o primeiro rebate do meu coração. Confesso que me custou muito mas não resisti á ideia de interromper ali o ciclo aventureiro da minha vida. Procurei outros companheiros, percorri Africa, noutras direcções — mas tudo ali servia para me recordar d'Ela . . . e só resistiria fugindo para muito longe. Voltei pois a Cape-Town, liquidei os meus pequenos haveres (que prometiavam multiplicar-se) e tomei lugar no primeiro transporte que seguia para a India.

— O que seria eu hoje se me tivesse deixado ficar em Africa? Talvês um dos muitos milionarios do Rand — que poucos começaram a vida por outra forma . . .

— Na luta pela fortuna, pelo oiro que tudo compra e domina, é necessario acima de tudo, calar para sempre o coração — tanto nos seus impulsos amorosos como generosos . . . Eu sabia isto, assistira já a varios e evidentes exemplos, e nunca conseguí explicar a mim proprio o verdadeiro significado daquelas lagrimas que não pude reter quando o navio me afastava irremediavelmente do Cabo de Boa Esperança. Era a saudade d'Ela? Era a tristeza de constatar a minha propria fraqueza? Era a certeza de que assim ia mal . . . e o successo seria difficil? . . .

Uma voz me segredava: «Infeliz! Tu só estarás bem onde não estiveres! . . . Esta era a minha condenação . . . — o meu destino! . . .

— Aqui, um sollicito companheiro de viagem que me es.ivera observado, interrompeu o curso dos meus pensamentos para me aconselhar descer á sala de jantar e comêr — comêr muito, para combater o enjoão . . .

— Eu devia estar com cara de enjoado . . .

(Continua no proximo número)

**B**ALDY BELEM é um dos «detectives» mais distintos da nossa policia de investigação e o seu nome alastra-se para além das fronteiras — gloria de que poucos colegas se podem orgulhar. Os triunfos da sua carreira, que não sendo longa — uns quinze ou dezoito anos — é das mais ricas em «número» e «qualidade de episodios», estão registados em todos os diários portugueses e em muitos estrangeiros. Espirito atento, imaginação viva, intelligencia, perspicacia, uma cultura vasta, sólida e invulgar no nosso meio, viajado, herdeiro de um nome illustre — Baldy Belem que podia, com justiça, escolher uma situação mais comoda e tranqüilla, preferiu ferir preconceitos familiares e sociais e obediencia á sua vocação, á irreprimivel necessidade de aventuras, de lutas, de emoções, perigos e imprestos constantes. A invulgaridade dos seus recursos profissionais de «detective» scientifico, obrigaram muitas vezes as policias das grandes capitães estrangeiras e os proprios governos europeus e americanos a solicitar a sua colaboração. Durante a guerra o seu reportorio dilatou-se, gloriosamente.

Para nós, jornalistas, Baldy Belem é mais do que um policia brilhante; é um amigo, um camarada, uma esplendida alma. O seu bom humor, o seu porte de «gentleman», as suas «blagues» por vezes mordazes mas sempre scintillantes — impõem-no á nossa simpatia; e pôde dizer-se que em cada profissional da imprensa ele conta com um admirador convicto e sincero. Para aqueles a que o Destino ou o instinto colocou fóra da lei — Baldy Belem é um espectro implacavel — mas até esses individuos o evocam com comoção porque se ele os vence e os domina, é sempre generoso dentro da intransigencia, delicado e humano, dentro do irremediavel...

**Os mais impressionantes casos da vida policial de Baldy Belem**

— Meu caro Baldy, conta-nos os casos mais «misteriosos» da tua carreira policial.

Ante o nosso pedido, o «detective» sorriu, puxou uma fumaça do seu «Tip-Top», e observou:

— Isso é quasi impossivel, meu velho. Como queres que eu te conte os casos mais misteriosos e que mais me tenham impressionado se eles são tantos, tantos que, francamente, não posso recordá-los? Olha, o que te afirmo é que, por vezes, me tenho visto emburrado em assuntos capazes de fazer perder a paciencia a um santo eremita.

— Mas, por certo, fixaste alguns episodios, devem existir crimes, peripécias que...

Baldy Belem com um gesto interrompe-nos:

— Sim; confesso-te que, ao contrario daquilo que muita gente julga e diz, os «detectives» também tem coração. Portanto, ha casos que nos fazem vibrar... Por mim, confesso-te que alguns casos me impressionaram profundamente — na luta subtil, tenebrosa, tremenda, da contra-espionagem, durante a guerra.

Um exemplo: o «affaire» da espia alemã Asbieta Shocokoloska ou Elyzabety Boy, contemporanea de Mata-Hari, que exerceu no nosso paiz a espionagem comercial.



O grande «detective» Baldy Belem (à esquerda) e o redactor do «Reporter X»

**MEMORIAS DOS NOSSOS MELHORES «DETECTIVES»**

**Qual é o caso mais misterioso da sua carreira policial?**

Depois do distinto «detective» Baldy Belem, contando-nos alguns dos mais sensacionais episodios da contra-espionagem portuguesa durante a grande guerra.

**Um emocionante episodio da espionagem alemã em Portugal  
Uma ameaça tenebrosa**

E Baldy Belem, confidencia-nos:

— Asbieta Shocokoloska era uma mulher formosissima dotada dum espirito subtil, vivo, intel gentissima, poliglota e possuindo a arte de se tornar profundamente in-fluente e despertar paixões. Surgiu em Lisboa, vinda não se sabe de onde e começou a frequentar os «clubs» e «dancings» de maior renome. Dentro de pouco tempo era amante dum importante funcionario das Alfandegas portuguesas e, aproveitando-se da cegueira amorosa do seu amante, ia espiando tudo o que dizia respeito ao commercio externo de Portugal, barcos entrados e saídos, mercadorias exportadas, material de guerra que passava por Lisboa ou saia para o estrangeiro, etc..

Um dia, o Secret Service inglez informou a nossa contra-espionagem que Elyzabety

Boy — era este o nome sob o qual a espia Shocokoloska permanecia em Portugal — estava internacionalmente «marcada» como fazendo parte da espionagem comercial alemã. Iniciei as investigações e vim a verificar que, de facto, as distrações dessa linda mulher, sob a sua apparencia simples e pacifica, ocultavam algo de tenebroso. Foi resolvido superiormente que a expulsasse-mos do nosso territorio. Acompanhei-a até á fronteira, até Badajoz, e, ali, já a esperavam tres individuos alemães — dos muitos e «pacificos» alemães que se encontravam em «digrressão» em Espanha, durante a grande guerra. Hospedei-mo-nos num Hotel. E, no dia seguinte á nossa chegada, Asbieta teve para mim estas palavras sob as quais palpitava uma das mais tenebrosas ameaças que me tem sido dirigidas:

— Você, Baldy, sendo um simpatizante da causa dos aliados tem, neste momento, uma sorte extraordinaria em não ser francez.

— Porquê?

E Asbieta, com um risinho máu, um riso que, confesso-o, me causou um certo mau estar, esclareceu:

— Se Você fosse francez, podia contar com meia duzia de balas que lhe seriam fornecidas pelos seus proprios compatriotas. E, sabe como? Imagine que eu, por pirraça, lhe enviava para o seu «posto de escuta» um cheque de quinhentas ou seiscentas pesetas, pagavel ao portador, e enviado sob um nome suspeito, um nome de espião assinalado pelo vosso serviço de «contra-espionagem»? Que lhe aconteceria? Era tornado suspeito e, se não fosse fuzilado, sofreria, pelo menos, a prisão permanente até ao fim da guerra: Você sabe que, nessas questões, a França não sente dificuldades ou entraves...

E Baldy Belem, ao contar-nos este episodio, confessa-nos: — «Garanto-te que esta ameaça, partida daquela mulher linda mas terrivel, me fez tremer e... andar preocupado durante uns tempos... Era um grande «sarilho», como deves calcular...

— A espionagem alemã em Portugal foi importante? — inquirimos nós, com o fim de provocar revelações.

Baldy Belem sorri e afirma: — Sim; foi intensa. E deram-se casos curiosos. Houve até um

individuo bastante conhecido e quasi «ilustre» que, rodeado da maior consideração e tendo até realizado uma conferencia numa das mais importantes sociedades de estudos portugueses, teve de ser expulso, á supaca, de Portugal, porque o homensinho não passava de um dos mais perniciosos espiões.

E Baldy comenta: — A cegueira de sempre...

**O roubo das joias da actriz  
Etelvina Serra  
Á procura de uma mulher feia...**

A conversa mudou de rumo e Baldy Belem conta-nos um outro episodio da sua carreira: o roubo das valiosissimas joias da actriz Etelvina Serra, em 1915:

— Uma noite, depois de sair do Teatro Avenida, a actriz Etelvina Serra, acompanhada por sua mãe, meteu-se num carro electrico transportando todas as suas joias

embrulhadas num lenço atado pelas pontas e que levava sobre os olhos. Ao chegar perto de sua casa, ergueu-se, tocou a campainha, o carro parou e ela desceu, dirigindo-se para a sua residência.

Ao deitar-se, recordou-se das joias e, procurando-as, deu pela sua falta. Pensou imediatamente em que lhe teriam caído no electrico. Entregou-nos o caso. Investigou-se, bateu-se todo o terreno que nos despertava suspeitas e, por fim, o «affaire» foi-me distribuído. Era um bom «bico de obra»... Havia passado um mês sobre a perda das joias. Etelvina nada sabia dizer senão que lhe parecia te-las perdido no carro. Perguntei-lhe se se recordava de quem ia junto de si. Afirmou que se lembrava da proximidade de uma mulher muito feia, tipo de creada, que parecia acompanhar uma senhora de a-pecto respeitável. Até aqui ninguém ligava importância a este promenor. Tive, porém, parecer diverso dos meus colegas. Peguei nessa ponta do fio e, acompanhado por Etelvina Serra, andei durante mais de quinze dias, percorrendo as avenidas novas, á hora em que as creadas vão pôr ás portas os caixões do lixo, tentando encontrar a tal mulher feia que Etelvina dizia reconhecer se a encontrasse. Depois de muitos esforços e de muitos dias de trabalho, lá consegui descobrir a tal mulher feia. Subi á casa onde ela servia. Era a residência de uma família distintíssima mas, confesso, tenho cá a impressão de que a dona da casa, senhora muito respeitável, sabia o que se passava. Apertei a creada com perguntas, combati as suas evasivas, passei uma busca na mala da mulher e, finalmente, lá fui descobrir as joias embrulhadas no mesmo lenço e sem que faltasse o mínimo objecto.

E Baldy, com uma gargalhada, afirma-nos: — O mais interessante deste caso foi o trabalho de andar a *cheirar* os caixotes do lixo durante muitos dias, acompanhado por uma actriz formosa e esbelta como é Etelvina Serra. Procurar uma mulher feia, com tipo de creada, nesta Babilónia alfacinha, era procurar uma agulha entre o feno de um palheiro... Mas foi um serviço que me agradou...

### Baldy Balem talvez um dia publique as suas memórias policiais

Depois de nos embrenhar-mos numa conversa de interessantes impressões em que Baldy nos relatou varios «affaires» sensacionais e escandalosos da sua carreira, o distinto detective perguntou-nos:

— Que dizes sobre a publicação das minhas memórias?

— Digo-te que teriam um exito garantido. Baldy sorriu, acendeu outro cigarro e observou:

— Pois sim, meu velho, tinham um exito garantido mas... essa publicação não seria muito prudente da minha parte... Mesmo que falasse por enigmas e citasse os nomes pelas suas iniciais, haveria um barulho medonho em volta do que eu escrevesse. Compreendes?

— Sim; haveria muita gente que não gostaria das tuas memórias... Mas, é por isso que as não publicas?

O detective olhou-nos fixamente e afirmou: — Não! Isso é efectivamente uma cartada um tanto... perigosa... Todavia, é muito provavel que um dia eu publique as minhas memórias. E nesse dia saber-se-ha muita coisa que até aqui se ignora e que permanece no mais profundo mysterio...

— Ainda estará muito longe, esse dia? Baldy meditou uns instantes e disse com um tom convicto:

— Talvez não!

Ferreira da Costa

ANUNCIAR  
NO

Reporter X

## A camionette para dois...

(Conclusão da pag. 6)

— Durante os dias que decorreram de 6 de Fevereiro a 30 de Abril chegou a alguma conclusão com as entrevistas do delegado da «G. M.»?

Nada de concreto. Procurei-o por varias vezes pelo telefone, por carta pessoalmente, andei por assim dizer *mendigando* uma resposta; mas a conclusão foi sempre a mesma: «Estou á espera de noticias de Barcelona».

— Só no dia 6 de Abril, no Café da Brasileira, me disse como solução:

«*Escreva as suas reclamações*».

— Mas eu estou farto de as fazer por escrito. Basta responder á minha carta de 26 de Fevereiro, enviada duas vezes, para esse assunto ficar resolvido.

Para que escrever novas cartas? Pois se ainda não responderam a cartas registadas com aviso de recepção!

*As conclusões deduzidas pelo redactor do «Reporter X», com a logica de qualquer mercieiro honrado*

— Que não é honesto que a riquíssima «General Motors» guarde nos seus cofres desde 6 de Fevereiro até pelo menos, 30 de Abril a quantia de 764 dollars, acrescido dos juros a 8% importância porque vendeu uma camionette Blz, a qual não entregou nem disso deu a menor satisfação.

— Que não é correcto que tendo uma firma portugueza matriculada no Tribunal do Comercio, escrito á mesma «General Motors» cartas registadas com aviso de recepção e havendo nas mesmas, assunto e materias e resposta essa entidade se negue absolutamente a responder por escrito.

### Dois perguntas inocentes

Se isto se tivesse dado na America, os tribunais ou mesmo o conceito publico, admittiam que se guardasse durante 3 mezes, uma avultada quantia e não se desse a minima satisfação escrita, pela não entrega da mercadoria de que a mesma representava o pagamento?

Alguem que por cima do hombro leu estas perguntas, segredou-nos: — Não o faziam porque tinham medo da policia, pois lá estes assuntos não são tomados como em Portugal.

Nas escolas de comercio, americanas, alemãs ou espanholas, não se ensinará que todas as carias com materia de resposta, merecem a respectiva resposta?

### Mas então em Portugal...

Portugal, e os portuguezes, para algumas organizações internacionais merecem pouca categoria, e a prova, é que muitas o colocam sempre como um subordinado comercial da Espanha.

E esse facto dá-lhe uma grande comodidade para a sua politica, pois a tactica a distancia é muito mais comoda, quando nos mandam um delegado de mezes a mezes, para tomar compromissos verbais, e só verbais, que depois são sempre um desastre, para quem neles confia, porque a essa responsabilidade, é sempre facil de fugir... por estarem longe.

A peninsula iberica, são dois paizes impossiveis de regular pela mesma unidade orientadora, e só aqueles que teem as suas organizações na nossa terra e estão sujeitos ás nossas leis e costumes, com uma cabeça que resolutamente tome a responsabilidade de todos os seus actos, podem merecer a nossa confiança.

Para os outros, os tais da politica a distancia convem, é facto, a central em Barcelona e... com delegados d'arribação, de sédes provisórias nos restaurantes onde se come bem... e se bebe melhor porque para esses a responsabilidade não é mais que uma palavra e... uma comodidade.

P. Pimentel

## Dos jornalistas que realizam reportagens nos «bas fonds»

(Continuação da pag. 8 e 9)

um *flic* ou um traídor, a tua vida ficava por um fio. Como és jornalista e esperto — ficamos... amigos. Conte sempre conosco — mas é preciso que a gente também conte contigo, hein?»

### A lei dos canalhas

Joseph Kessel, o russo que se tornou um dos mais populares jornalistas da França (irmão de George Kessel, director de «Le Detective» de Paris) poude realizar uma admiravel *descida* aos *bas fonds* doirados de Montmartre. O que ele era — o que ele viveu! De toda a sua reportagem o que se destacou foi o *Codigo de honra* que existe entre a canalha — e onde muitos fidalgos tinham que aprender... Um episodio: varios membros do mesmo bando foram presos em grupo e levados para a Santé. Combinou-se uma evasão — e um deles teve medo de se arriscar — denunciando os colegas, num movimento de inflexão. A morte do traídor foi decretada — por toda a *Canalha* que... estava á solta. Pedia-se para o Director da prisão, um premio, se ele conseguisse uma amnistia. Pois bem: o denunciante, tão convencido estava, ao acabar os nomes e ao reflectir, que era inutil a liberdade que lhe caia do ceu, que depois de se negar a sair, depois de lhe abrirem as portas — se suicidou, previndo essa morte — á morte que o aguardava cá fóra...

### O mendigo «pour le bon montif»

Um jornalista portuguez desceu também aos *bas fonds* lisboetas: foi o *Reporter X*, em 1916 ou 17, realisando um inquerito sobre a mendicidade — trazendo os farrapos dos miseraveis e estendendo a mão á caridade publica durante quarenta e oito horas. Essa reportagem que *A Manhã* de Mayer Garção publicou revelava varios aspectos sensacionaes da vida dos que vivem... fóra da sociedade. Um outro jornalista — o inglez Harry Breik a experimentara, muitos anos antes para *The People* de Londres.

O seu jornal recebeu as melhores impressões do seu redactor. Injustamente deixou de ter contado com ele e a propria esposa não recebeu mais noticias do marido. Esta ausencia que alarmou todos — alguma policia poz-se em campo. A mesa da investigação policial — a *ovita* (ela já se considerava presa) desapareceu. Os detectives receberam depois a denuncia que a esposa do jornalista vivia principescamente, em Paris... E' que os sepultados da experiencia que o reporter atentara tinham sido tão lucrativos — que ele... não hesitara em trocar a sua profissão pela de *mendigo*...

LEIAM

Reporter X

Nos bastidores da proxima e inevitavel guerra mundial

## Graves revelações sobre a Federação Danubiana

ESTE projecto que em Fevereiro a Grã-Bretanha lançou ao mundo pela boca de sir John Simon, e do qual mais tarde a França lançou mão, está na ordem do dia, destina-se a fazer ainda muito barulho, correr muita tinta e quem sabe, se algum sangue.

A formação desta entente danubiana, limitada à Austria, Hungria, Tcheco-Slováquia, Roménia e Yugoslavia, sobre a pressão da França e Inglaterra, não pôde de forma alguma convir à Alemanha, nem à Italia, porque enquanto a preponderancia da França aumentaria nos estados da Federação Danubiana a Italia de Mussolini, veria os seus sonhos imperialistas desfeitos e a Alemanha de Brüning, de Hitler, ver-se-hia despresada, quando agora tanto auxilio precisa, para atenuar a horrivel crise que atravessa, com seis milhões de chômeurs.

Excluir dessa federação a Alemanha é verdadeiramente desastroso, porque sendo o commercio alemão quasi todo feito, na Europa Central, a sua exclusão dessa Entente e o respectivo aumento das pautas aduaneiras, seria a sua ruína, com quasi todos os mercados europeus fechados ao seu commercio e à sua industria; era finalmente condenar uma nação ao supplicio da fome com todos os seus horrores, com um exercito de famintos, que revoltados, ou iriam para a Revolução, ou para a Guerra.

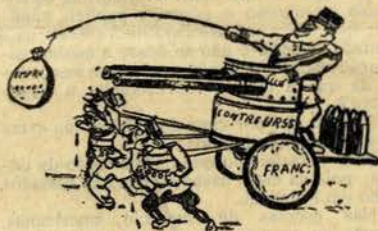
A Mussolini, a M. Grandi, não convem esta confederação de Estados balticos, porque seria a perda da sua zona de influencia nos cinco estados danubianos, e substituída ela pela influencia francesa. O plano danubiano de M. Tardieu, pretendendo trazer o equilibrio economico à Europa Central, mas apresentando-o nas condições em que o faz, ou é da sua parte um erro politico economico, ou, esconde em si uma ambição ferozmente politica, querendo erguer uma barreira contra a infiltração dos productos alemães.

A *Gazeta Warszawska* de Varsovia tratando deste assunto declara;—Ora para realizar esta empresa é preciso unir os capitais franceses e o aparelho productor alemão.—

Demonstra assim esta gazeta polaca qual é a grande falha do plano francês, porque a realização deste mesmo plano tal qual está feito, é a declaração pura e simples da guerra economica, que será por sua vez, o prólogo da *Outra*, da reedição da hecatombe de 1914-18, quatro anos que roubaram a vida a milhões de pessoas. Infeliz humanidade esta que pensa em guerras, guarda rancores, sonha estrondosas vinganças, quando ainda parece ouvir-se lá longe, o eco do ribombar do canhoneio, quando ainda há

mães que choram os filhos, que tombaram para sempre na terra lamacenta da Flandres, nos sertões da Africa, ou se sumiram na profundidade dos mares, torpedeados os navios em que seguiam. Não se lembra Mr. Tardieu que na Alemanha há sempre latente o espirito de «révanche»? Não se lembra que Hitler tem esse espirito em si e do qual Ewers, o auctor de «*Mantragora*» escreve:—Il lutte pour l'âme même du peuple allemand—e o ministro francês deve sabêr bem que Adolfo Hitler tem por si milhões de partidários e, que no caso de uma guerra, aquêles mesmo que nas eleições são contra êle, se uniriam como um só homem em volta da cruz sbastica ao grito unisono do *Deutschland Ueber Alles*.

Tem este projecto um outro grande defeito que consiste no seguinte: A Hungria, a Yugoslavia, a Romania e uma grande parte da Tcheco-Slováquia, são países essencial-



A Federação Danubiana vista pelos bolchevistas  
(Uma caricatura do *Pravda* de Moscow)

mente agrários e, cremos bem que não é logico, nem se vê a utilidade destes países, trocarem entre si productos exatamente iguais. Que espécie de permuta poderão pois estes países manter entre si? Vê-se assim que não incluir a Alemanha nesta federação, é um grande erro do qual mais tarde todas as nações europeias virão a sentir os efeitos.

O plano danubiano, procura realizar a consolidação da supremacia da França na Europa Central, apoiando-se ela nos pequenos povos balticos, para esmagar a Alemanha, ou será outro o *desideratum*? Segundo o *Die Welt Am Abend*, jornal comunista que se publica em Berlim, no dia 21 ou 23 de Março findo teve lugar uma conferencia secreta em Praga, sobre a presidencia do coronel francês, Ribière. Os representantes dos estados-maiores Tcheco, Yugoslavo, polaco e romeno em primeiro lugar, visto a actualidade do plano danubiano, um projecto de cooperação dos exercitos da Pequena Entente (Romania, Tcheco-Slovaquia e Yugoslavia), com os da

Entente oriental (Polónia e Estados balticos). Estes diversos corpos de exercito deveriam sêr dirigidos por um estado-maior unico, no qual os representantes da França, teriam o lugar preponderante.

Foi igualmente discutida, a sugestão de se transformar immediatamente o porto romeno de Constanza, em base naval apropriada, para a marinha comum destas nações. Quanto à Polonia, foi decidido que construiria na fronteira russa, fortificações segundo o modelo da zona francesa fortificada, na fronteira alemã. Foi discutido igualmente o assunto da proclamação duma república ucraniana.—Não precisamos lêr mais o *Die West Am Abend*, para sabermos que a Federação Danubiana promete dar que falar, ocultando em si o germen da guerra, que segundo parece se dirigirá contra a U. R. S. S., pensando-se já na divisão das suas terras, fragmentando-as em pequenas repúblicas.

A Guerra! Sempre este espantallo macabro a agitar-se no mundo. Guerra de Bólsas, guerra com tanks e canhões, é sempre guerra e, faz sempre viúvas.

Quando acabará ela?

F. Paulo Ferreira.

## FERREIRA DA COSTA

«Reporter X» não costuma publicar noticias de casamentos ou batizados. Todavia, hoje, trata-se do casamento de uma pessoa amiga, de um camarada de trabalho, e o nosso jornal não podia deixar de registar o facto. Realizou-se, no ultimo domingo, na freguezia de S. Vicente de Fóra, o enlace do nosso querido camarada de redacção Artur Ferreira da Costa, um dos valores positivos da sua geração com a Sr.<sup>a</sup> D. Elvira Augusta dos Santos, filha do Sr. Antonio Augusto, funcionario da Companhia Carris de Ferro, e da Sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Augusta dos Santos. Foram padrinhos, por parte da noiva, o Sr. Teodoro dos Santos, empregado superior do Club Inglez e sua esposa, Sr.<sup>a</sup> D. Cecilia Gloria dos Santos, e, por parte do noivo, o nosso distinto camarada de Imprensa Sr. Amílcar Sarmento da Silva e o Sr. Justino Guedes Emilio, funcionario de Fazenda, das Colonias. Assistiram ao acto numerosos jornalistas, artistas, funcionarios colonias e amigos pessoais dos nubentes, tendo sido servido, na residencia dos noivos, um delicado lanche em seguida ao qual o nosso camarada Ferreira da Costa e sua esposa partiram em digressão, acompanhados por muitos convidados, para Cintra, Cascaes e Estoril. Foram recebidos muitos telegramas de felicitações, realizando-se, á noite, um baile brilhantissimo que se prolongou até perto de madrugada. «Reporter X», que se fez representar pelo seu secretario da Redacção, Sr. Paulo Ferreira, saúda efusivamente os recém-casados, fazendo sinceros votos pelas suas felicidades, e enviando um grande abraço a Ferreira da Costa.

## Roubaram «A Ceia dos Cardeais»

(Conclusão da pág. 7)

dias, um acásio me obrigou a passar por lá! Os meus olhos ergueram-se, saudosos, para as janelas onde eu tantas vezes debruçava a minha curiosidade infantil. E vi então, nas janelas visinhas, primeiro sem sobressalto, mas logo com funda emoção, um rosto que só com esforço de memória poderia desenterrar da maldade dos anos! Era a brasileira entusiasta de Julio Dantas, a vaidosa proprietária da «Ceia dos Cardeais» e da falsificação dedicatória! Mas como era possível que o mesmo espaço de tempo que fizera de mim um *trintão* — tivesse transformado aquela mocinha de 18 anos numa velha decrepita, o rosto todo anavalhado de rugas os cabelos esfarrapados dum grisalho sujo — as faces escaveiradas e tristes. Presenti uma tragédia, já no remate, agonisando juntamente com o sua heroína. E esses palpites nunca me falharam...

«O drama dessa pobre mulher iniciou-se naquela noite... Não sei se te lembras: eras um garoto ainda... — começou por dizer-me o milagroso informador a quem devo esta confiança e que presenciara a exibição da «Ceia dos Cardeais». — Pouco tempo depois de teus pais mudarem de casa — houve grande alvarço na escada. A família brasileira tinha ido ao teatro e na volta encontrara a casa assaltada pelos gatuños. Os larapios tinham invadido os quintais graça á pouca altura dum tapume visinho e trepando pela escada de salvação, quebrando os vidros da janela da cosinha — invadiram a casa... Vem a policia que estranhou o processo usado e vestígios deixados... A proeza não tinha a assinatura de qualquer cadastrado nem revelara qualquer das técnicas conhecidas. O mais desconcertante era que, dado o balanço ao recheio — apenas se notava a falta da... «Ceia dos Cardeais»... Os vidros da estante tinham sido quebrados — e o precioso volume escamoteado...

«Se aquele livro tivesse alma e corpo humano e fosse o alvo d'amor de toda a família, explicava-se, facilmente que o seguiu... Os dois velhos resvalaram para um estado de abatimento grave, furtando-se a todos os olhares, a todas as concorrências — sempre afivelada a máscara de uma inquietação angustiosa; ela, a morena alegre e caturra — perdera côres, viveza, alegria — como uma noiva abandonada.

« Afinal — qual o segredo de tudo isso? Cousas da vida — misteriosas das que emagrecem demasiado depressa... Este velho que v. conheceu em pequeno — fora um aventureiro sem que os escrúpulos o atassem e sem que a sor-

te, *malgré tout*, o favorecesse. Tomava a filha — como unico sentimento digno de uma alma anormal. Queria ser rico — para que a filha fosse feliz. Viviam então na cidade visinha ao Amazonas — mixto de aldeia minhota; de acampamento de aventura e de forte colonial. Nessa cidade existia um extranho tipo do cosmopolitano mexicano — um velho velhissimo, mas rijo e sinistro como um avarento novelesco e aureolado de misterio. Vestia com a extravagancia e um fisico medievo e na sua casa, onde esbanjava como um nababo, havia alcapões e segredos de covil de bandidos. Não sei como os dois homens associaram-se e o velho sinistro ofereceu ao pai da mocinha uma forma de emagrecer. Entre muitas relações que tinha na Europa, existia um fabricante de notas falsas, em Lisboa — notas brasileiras. Era um negocio garantido visto que, estando o segredo da falsificação muito longe do paiz, — a policia difficilmente encontraria uma pista. O transporte era feito de um modo original. O falsificador encaixotava livros e romances, historia, versos, etc. — edições de luxo e ricamente encadernados; mas as encadernações eram ocas e dentro dela iam as notas falsas... Engenhoso, hein?

«Durante anos o negocio prosperou. Subito houve um alarme. Um troca tintas — escriba dum jornaleco da terra — apaixonara-se pela menina e a menina por ele. O pai opoz-se ferozmente ao idilio. O galã, raivoso, segue uma pista. Uma noite — eu vou reconstituir a scena tal como a descreveram — o cavalheiro graças á cumplicidade dum creado do socio — do tal velho sinistro — consegue invadir os subterraneos da casa e assistir ao desencaixotar das *notas falsas*. Ameaça com a denuncia — caso lhe neguem a mão da pequena. O pai, velhaco, ganha tempo, destroe todas as provas — e foge para o Brasil. O rapaz vem na piugada e traz consigo uma prova do crime — uma «Ceia dos Cardeais» em cuja encadernação preciosa estão ainda guardadas as notas falsas e... uma carta do fabricante para os seus cúmplices do Brasil — carta essa que é o sufficiente para o arrastar aos tribunais — ou pelo menos, para a filha saber o segredo da fortuna paterna. Eis o mais doloroso da *chantage*: é que o pai temia tanto a prisão como a vergonha de que a sua *malavita* fosse revelada á filha. O enamorado envia a prova á pequena — mas o pai, explorando a ido'otra que ela tinha pela *Ceia dos Cardeais* arranca-lha das mãos... pela promessa de lhe conseguir uma dedicatória. Foi ele, o velho, quem falsificou o manuscrito de Julio Dantas. A partir de então — começou um novo tormento para o desgraçado. Não podia arrancar do livro as provas do seu proprio crime — porque para isso era necessario arrancar-lhe a encadernação — metade do orgulho da mocinha; vivia

sempre entre a ameaça de que ela a cobrisse.

Mas o tal escriba não era homem para desanimar... Até larapio se fez, para roubar o livro — quando se convenceu que a pequena, apezar das suas insinuações, não soubera arrancar ao volume o seu segredo. Alguem que estava presente na noite da *soirée* em casa de U. — lhe revelou, inconscientemente, o que se passara e o local certo onde a «Ceia dos Cardeais» se encontrava... E de novo em posse daquela arma tremenda, tornou-se mais prudente no seu uso — empregando-a com tal eficacia que conseguiu que lhe dessem a inocente em casamento. O desgosto dos dois velhos foi tão profundo que pouco tempo duraram. Ela, a mocinha, viva e palradora, foi a mais infeliz das esposas — pagando bem caro a sua paixão... Ele — anda para ahi, gastando os restos da fortuna da mulher. Você conhece-o...

E qual não foi o meu pasmo ao escutar da boca do meu informador o nome frequentemente citado, daqueles escriptores-mediocres cujos livros são sempre lisongeados na imprensa — o nome... de alguém de que Julio Dantas já tem falado...

## AUTO ESTEFANIA STAND

Venda e troca de  
Automoveis uzados

Telefone, 3134

RUA ALEXANDRE BRAGA, 27

LISBOA

Mannheimer V. G.

SEGUROS DE AUTOMOVEIS

TELEFONE 23533

L. Barão de Quintela, 11-2.º

Este número do "Reporter X"

tem 16 paginas a duas côres,

custa 1\$00 e foi visado

pela Comissão de Censura

42668



THE ANGLO-PORTUGUESE-TELEPHONE-CO.-L<sup>D</sup>

## A SEMANA DO TELEFONE

Para comemorar o 50.<sup>o</sup> aniversario dos serviços telefonicos em Portugal a Companhia durante a Semana de **9 A 16 DE MAIO** oferece a todos que instalem telefone a quantia de

**5 0 \$ 0 0**

Este atractivo tem por fim aumentar ainda mais a rede telefonica. **UM TELEFONE PARA CADA CASA** é o desideratum da **COMPANHIA DOS TELEFONES**. Pagamento ao semestre, trimestre e ao mez.

**SEJA DO SEU TEMPO**

**INSTALE UM TELEFONE**